

A comunicação na teoria

Liráucio Girardi Júnior

Em *Teorias da comunicação: muitas ou poucas?* o leitor, particularmente, o pesquisador em comunicação ou professor de teoria ou teorias da comunicação, encontrará um debate um pouco diferente daquele que estava acostumado a ver em seu campo. Luiz C. Martino, que organiza os artigos que compõem o livro, retoma seus estudos anteriores sobre o tema e lança a pergunta: “Uma questão prévia: existem teorias da comunicação?”. Em busca da resposta, faz uma espécie de história social do campo em que mostra como a maioria das chamadas “teorias da comunicação” foram, na verdade, apropriadas de outros “lugares”, só passando a adquirir essa qualificação quando transportadas para o novo campo que se formava:

Tais teorias, no entanto, curiosamente, nunca reivindicaram para si o título de teorias da comunicação. Ao contrário, cada uma delas permanece ligada a seu campo disciplinar de origem. Somos nós do campo da comunicação que as enxergamos como *teorias da comunicação* (p.17).

O autor observa, ainda, uma espécie de equívoco epistemológico original, encontrado na própria gênese da comunicação como ciência, pois ela, desde cedo, foi pensada muito mais como um campo de encontro de pesquisadores de diversas áreas. Diante disso, um problema fundamental está colocado: o que seria necessário para que uma teoria fosse considerada de fato uma “teoria da comunicação”?

Martino posiciona “o problema” e abre o debate para os artigos dos professores e pesquisadores estadunidenses Charles R. Berger e Robert T. Craig. O seu desenvolvimento desdobra-se em uma nova questão: se existem teorias da comunicação, elas seriam poucas ou muitas?

Berger, em “Por que existem tão poucas teorias da comunicação?”, observa que não

Teorias da comunicação: muitas ou poucas?

Luiz C. Martino (org.),
Charles R. Berger,
Robert Craig

Cotia, SP: Ateliê Editorial,
2007, 138 p.



há produção teórica no campo, mas uma apropriação de métodos de outras áreas, redirecionados para problemas de pesquisa gerados pela comunicação. Logo o campo é, na maior parte do tempo, um grande importador de métodos e técnicas, o que produz um enorme “déficit no comércio intelectual” com outros campos.

A “herança interdisciplinar” do campo e seu vínculo com a produção de “habilidades” profissionais marcam, desde o seu início, uma tensão constante no interesse conferido ao exercício de uma reflexão teórica autônoma. Berger propõe até uma espécie de direcionamento editorial, com a criação de uma revista como a *Journal of Communication Theory*, com o objetivo de atrair pesquisadores dispostos a enfrentar esse problema. Em sua análise, considera de enorme importância a elaboração de um pequeno conjunto de questões centrais, em torno das quais a teoria ou as teorias da comunicação pudessem enfrentar com autonomia, determinação e originalidade teórica os seus próprios problemas de pesquisa.

A questão para Craig, em “Por que existem tantas teorias da comunicação?”, con-

centra-se na própria indefinição do que se deveria entender por “teorias” (e, conseqüentemente, por teorias da comunicação). As possíveis teorias da comunicação nem bem foram formuladas e já se viram envolvidas na crise dos paradigmas produzida pelo pensamento pós-moderno. A partir daí, teoria e ciência não caminham, como concepções fundadoras de um campo e abrem espaço a um conjunto de práticas interdisciplinares que borram seus limites, objetos, métodos etc.

As teorias não são vistas como sistemas; logo, podem ser apropriadas aos pedaços, de acordo com os interesses do pesquisador. Se a teoria se fragmenta, ela não precisa ser reelaborada teoricamente. Existiriam, assim, muitas teorias da comunicação porque qualquer teoria pode ser apropriada para servir a um fim determinado, permitindo os mais variados *insights* teóricos.

Craig retoma o título da célebre edição especial da *Journal of Communication*, conhecida como *Ferment in the field*, para mostrar que a expressão *ferment* revelaria exatamente o que estaria acontecendo no campo. É curioso notar que há a *Ferment in field* (1983) e a *Future of the field* (publicada dez anos depois), retomando quase que as mesmas questões levantadas na primeira publicação.

É justamente uma inquietação com essa fermentação “natural” no campo que leva Martino, em seu artigo final, “Muitas & poucas: a dupla personalidade das teorias da comunicação”, a reposicionar certas questões com clareza e determinação. Com elas, fecha provisoriamente o debate:

Podemos dizer que a fragmentação não é apenas um estado, mas um processo. Ou seja, o campo não seria apenas fragmentado, ele continua a se fragmentar, produzindo novas temáticas e novas subáreas que vêm se juntar as já existentes. Por isso a fragmentação é vista como um processo que engendra cada vez mais fragmentação, aumentando constantemente a extensão do

campo e nos levando a níveis maiores de complexidade, o que evidentemente agrava o problema de sua definição (p.102).

Representar-se como um campo de encontro de pesquisadores, voltado para a formação de habilitações teóricas e pesquisas marcadas pela indefinição de seu objeto, faz com que qualquer pesquisador ou grupo de pesquisadores elabore projetos de formação acadêmica dos mais variados tipos e propósitos. A formação dos estudantes de comunicação permanece, quase sempre, em um nível introdutório, sofre um processo de simplificação e sincretismos dos mais diversos.

A crítica do autor à interdisciplinaridade navega contra a corrente das discussões contemporâneas. Ele observa que não são “fatos” que dão origem a uma teoria, e que o conhecimento científico nunca entrou em conflito com a diversidade ou mesmo o confronto de teses. São feitas críticas equivocadas ao trabalho científico, o que, na maioria das vezes, resulta apenas em falta de controle na elaboração de teorias, definição vaga de problemas de pesquisa e apresentação incontrolada dos resultados obtidos com esse conhecimento.

Para Martino, sem enfrentar a questão epistemológica que envolve a comunicação, nenhuma sociologia da ciência será capaz de oferecer um conhecimento adequado sobre os problemas dessa nova área do conhecimento. A idéia da comunicação como campo abre espaço para um deslocamento de pesquisadores das mais diversas áreas, simplesmente, pelo poder de atração que essa fragmentação exerce. A comunicação acaba por se tornar o lugar em que “cabe” tudo. Isto comprometeria sensivelmente o avanço teórico da disciplina.

O debate proposto pelo livro merece desdobramentos.

Liráucio Girardi Júnior é doutor em Sociologia pela USP e professor na Faculdade Cásper Líbero.